

INTRODUÇÃO

Que prazer, para um discípulo de Beccaria, inimigo da guerra! Mas o que é que querem: encontrei sobre o trilho da minha vida, os austríacos, os padres e o despotismo!

E que me importava não possuir outras vestes senão as que me cobriam o corpo e de estar ao serviço de uma pobre República, que a ninguém podia dar um soldo?

É notório que, entre os corpos voluntários que tive a honra de comandar em Itália, os camponeses sempre falharam, graças aos reverendos ministros da mentira. Os meus milicianos pertenciam, quase todos, a famílias distintas das diversas províncias italianas.

Deus permita que feche os olhos pronunciando, como último suspiro: «Está toda livre!»

As *Memórias Autobiográficas*, de Giuseppe Garibaldi, foram escritas com a perceptível preocupação de servirem de uma espécie de manual do amor à pátria e como testemunho de que a ideia de uma Itália unificada, herdeira da Roma Antiga, era algo que podia ressurgir pela via heróica da luta armada. Desde o início da narrativa – sobretudo a partir dos feitos da *Legião Italiana*, no Uruguai –, que Garibaldi não se cansa de sublinhar a bravura daqueles descendentes dos legionários romanos, procurando que os seus conterrâneos acreditem no seu valor militar e na capacidade de alcançar os seus objectivos políticos através da guerra contra o estrangeiro que os oprimia. A obra tem, a este respeito, o propósito evidente de reconstituir os exemplos de bravura, cuja leitura possa servir para a valorização e educação patriótica da juventude italiana daquele tempo e dos vindouros.

O texto é, por conseguinte, uma narrativa dirigida aos Italianos, o que se nota, aliás, pelo facto de omitir muitos pormenores do cenário político, uma vez que, tratando-se de acontecimentos muito recentes, o autor assume que os mesmos devem ser do conhecimento geral. Todavia, sendo uma obra dirigida aos seus compatriotas, o certo é que a mesma nem no passado nem no presente foi e é bem aceite no panorama histórico e literário italiano. As razões deste estranho fenómeno são facilmente explicáveis. A história do *Risorgimento* italiano tem 4 grandes figuras: Vítor Emanuel II, rei do Piemonte, Cavour, primeiro-ministro da monarquia saboiana, Mazzini, o idealista republicano, e Garibaldi. Os dois primeiros representam a instituição monárquica oficialmente vencedora do processo de unificação. Mazzini, o ideólogo do republicanismo, admirado como pensador, mas que, mantendo-se obstinadamente fora da solução monárquica, acabou por não desempenhar o papel decisivo a que aspirava. Por fim, Garibaldi, o mais atípico herói da unificação, o mais vitorioso dos chefes militares italianos, o menos apoiado por tudo o que era instituição, e, acima de tudo, um inimigo feroz do poder do clero, que critica abundante e frequentemente na sua narrativa. Garibaldi não censura a Igreja pelo conteúdo evangélico (pelo contrário, define a Roma do tempo em que escreve como *capital de uma seita, outrora seguidora do Justo libertador dos servos, instituidor da igualdade humana por ele enobrecida* – III-1.º), mas sim pela instrumentalização política do povo, sobretudo dos camponeses italianos, que, devido a essa influência, se apartaram quase completamente da luta pela liberdade. A censura tem muito mais a ver – tal como o fizera

Maquiavel – com a oposição do clero à ideia da unificação da Itália, por tal processo implicar o fim do Estado Pontifício, que, recorde-se, se estendia, entre o Tirreno e o Adriático, pelas actuais regiões do Lázio, Umbria, Marcas e grande parte da Emília-Romanha, separando o Norte do Sul. Não admira, portanto, que a presente obra tenha sido desaconselhada em Itália, pois perturba, e muito, a história oficial da unificação.

Depois, a Itália da *bella figura*, do apurado sentido estético, do culto da elegante fachada, não digeriu nem digere um Garibaldi de poncho sul-americano, nem tão-pouco os seus voluntários, mal vestidos, esfarrapados e sempre mal armados e equipados, que se atreveram a ser tão competentes em matéria militar sem, para tal, terem o conveniente diploma. Ainda por cima, com aquela bizzarria da “camisa vermelha”, pouco importando que esse vermelho não tenha tido, na sua origem, qualquer relação com o vermelho de conotação socialista.

Dito isto, o leitor não poderá estranhar que, nesta autobiografia, o autor fale tão pouco de si próprio, isto é, da sua vida pessoal, dos seus amores, dos filhos, dos contactos políticos e sociais que os seus estrondosos êxitos militares lhe proporcionaram, em Itália e no estrangeiro, etc. No entanto, nos breves momentos em que o faz, Garibaldi não esconde sentimentos nem se coíbe de fazer transparecer uma grande emoção e uma qualidade humana superior, pondo em relevo o amor à família, a devoção pelos companheiros de armas e a gratidão para com aqueles que o ajudaram nas mais críticas situações.

Quando comparada com uma biografia respeitadora das regras científicas da história, notam-se nesta memórias algumas importantes omissões. Algumas delas decorrem da própria natureza de uma autobiografia escrita por quem não tem preocupações de rigor académico, mas outras há que devem ser vistas, necessariamente, como tendo sido propositadas, pelo que a leitura desta obra deve ser complementada com a de uma boa biografia.

O estilo literário, muitas vezes inflamado e romântico, como era vulgar na época em que foi escrito, apresenta muitas frases terminadas com pontos de exclamação, denotando umas vezes entusiasmo, outras vezes revolta, mas sempre num tom de grande sinceridade, por vezes a roçar a mais genuína simplicidade, quando não uma intencional poesia.

A obra foi sendo, sucessivamente, revista e complementada, entre 1849 e 1872. A maior parte das linhas acrescentadas são de textos cheios de emoção e desencanto, com não poucas acusações contra os senhores da Itália já unida.

Nas partes dedicadas à luta pela unificação italiana, o texto de Garibaldi é um misto de narrativa das lutas de índole militar e um libelo acusatório contra os políticos do seu país, que, da unificação, só pretendiam tirar benefícios pessoais, sem pensar em alterar o que quer que fosse no relacionamento com o povo e no seu progresso e bem-estar. A frase do príncipe de Falconeri, personagem do imortal *Leopardo*, de Tomasi di Lampedusa, pronunciada justamente no contexto da chegada de Garibaldi à Sicília, assenta que nem uma luva nas críticas de Garibaldi: “Para que as coisas permaneçam iguais, é preciso que tudo mude”.¹

Para além da contundente censura à postura do clero italiano, há outro aspecto do posicionamento ideológico de Garibaldi que é comparável ao de Maquiavel. Sendo ambos convictamente republicanos, aceitam um *Príncipe*, isto é, a monarquia, como instrumento capaz de produzir a unidade de Itália. De resto, esta comunhão de pensamento foi manifesta, à época do *Risorgimento*, justamente pelo novo impulso que então se verificou na leitura das obras do grande pensador florentino.

No plano estritamente militar, a sequência de campanhas em que Garibaldi se envolveu colocam-no, tanto nos resultados como na extensão temporal, ao nível dos grandes chefes militares de todos os tempos, sendo, no mais reduzido plano do idealismo e da pura aventura dos tempos modernos, absolutamente incomparável. A marca de Garibaldi como chefe militar é, quase permanentemente, a determinação de correr riscos até ao limite do razoável e com a aceitação de pesadíssimos sacrifícios, só imagináveis em tropas que lutam por um fortíssimo

¹ «Se tutto deve rimanere com'è, è necessario che tutto cambi».

ideal. A campanha de 1860, em que, inicialmente com cerca de mil soldados, desembarca na extremidade ocidental da Sicília, em 11 de Maio, e, de vitória em vitória, passa ao continente e entra triunfalmente em Nápoles, em 7 de Setembro do mesmo ano, conquistando, assim, metade da actual Itália, é um feito de armas dos mais brilhantes de todo o século XIX. A descrição dos sucessivos combates é, porventura, dos aspectos mais conseguidos destas memórias. Garibaldi, no seu texto, consegue transmitir aos leitores, como se de cinema se tratasse, uma fortíssima imagem de acção, de frenético movimento, de realismo e de emoção, na qual são patentes as suas invulgares qualidades de bravura e de liderança. E, sempre modesto, não perde uma oportunidade para reconhecer, quando é o caso, a sorte com que foi bafejado. E foi-o muitas vezes, como é apanágio dos grandes capitães.

Para além dos aspectos emotivos, a que nenhum leitor deixará de ser sensível, importa sublinhar a extraordinária cultura militar, tanto no plano da guerrilha como em operações convencionais, que Garibaldi revela nos seus escritos, fruto, sem dúvida, de uma enorme experiência pessoal, mas tanto mais de admirar quanto é certo que lhe terá faltado formação académica para escorar na teoria o muito que aprendera na prática. Garibaldi faz diversas considerações de ordem táctica e do âmbito da arte de comandar que revelam um condutor de homens experimentadíssimo e desejoso de, também neste particular, passar ensinamentos aos vindouros. Depois, não há na prosa de Garibaldi um pingão de jactância. Com grande modéstia – permanentemente a elogiar a bravura dos seus companheiros –, faz questão de mencionar muitos louvores individuais ou de expressar notas de pesar por não se recordar de alguns nomes que gostaria de realçar, passando os louros das suas vitórias a todos quantos com ele combateram.

Como condutor de homens, Garibaldi presta provas, com distinção, à cabeça de simples voluntários, muitos deles sem qualquer experiência militar prévia. Os seus companheiros são, na maior parte, jovens educados, estudantes e licenciados, provenientes dos meios citadinos e de boas famílias, notando-se, como já foi referido, a ausência quase total de camponeses, dominados pelos padres. Os voluntários de Garibaldi são soldados que lutam por um ideal, verdadeiro paradigma do combatente das “Guerras de Opinião”, como lhes chamou Henri Jomini. A luta por um ideal, de forma tão prolongada e bem-sucedida, foi levada a cabo sem nada pedir e sem outro prémio que não fosse a vitória que perseguia, dele se podendo dizer, com propriedade, que *deu tudo, a troco de nada*.

David Martelo

A PENÍNSULA ITÁLICA EM 1843

